



Ensinar português/LE na Universitat de
Barcelona
Ensinar português/LE em Portugal

Rosa Oliveira & Ignacio Vázquez

rosa@esec.pt, Escola Superior de Educação de Coimbra

ivazquez@ub.edu, Universidade de Barcelona

Resumo

O ensino de qualquer língua estrangeira acarreta problemas que se revelam divergentes dependendo do par de línguas confrontadas. No caso do português, deparamo-nos com questões muito subtis quando em diálogo com o espanhol, língua tão próxima e, simultânea e paradoxalmente, tão estranha. Tencionamos com este artigo dar notícia de alguns pontos de fricção no ensino do português a hispano falantes. Apontamos para a necessidade de uma gramática comparativa que vise o uso real dos dois idiomas.

Palavras chave: português, espanhol, LE, gramática, atitude pedagógica

Abstract

Teaching a foreign language presents several problems depending on the relationship between L1 and L2. If we consider Portuguese and Spanish, two apparently very similar languages, we will discover that they are not so similar after all. The purpose of this article is to investigate and clarify some points of conflict in Portuguese language when taught to Spanish speakers. We require the need of a comparative grammar in the every day use of the language.

Keywords: Portuguese, Spanish, L1/L2, grammar, pedagogical point of view

O título desta comunicação advém da nossa experiência como professores de Português na Universitat de Barcelona (onde coincidimos de 1996 a 1998) e das nossas reflexões posteriores e longas conversas desses anos a esta parte, continuando um de nós na referida universidade e regressada a outra à ESEC onde, entre outras docências, tem sido responsável por ensino do português a portugueses (LM), a estrangeiros (estudantes Erasmus - português LE) e, mais recentemente, a docentes que têm nas suas turmas alunos imigrantes e, portanto, se deparam com questões levantadas pelo ensino do português L2.

Será, no entanto, o português LE de que hoje trataremos, ainda que esta nossa reflexão possa remeter para as outras possibilidades que acabamos de nomear.

Importa, desde já, esclarecer que, entre as várias características e vicissitudes do ensino do português no estrangeiro ocorre um facto que funciona simultaneamente como adjuvante e oponente numa ambivalência linguística e simbólica que, a ser aqui analisada, “daria pano para mangas”. Na verdade, frequentemente, no ensino superior no estrangeiro, o estudo do português está associado ao do espanhol – e vice-versa. Em muitos lugares da Europa e da América, apenas existe um departamento de Estudos Hispânicos em que as duas línguas e culturas peninsulares estão agregadas e os alunos, na sua maioria, estudam as duas, uma quase que por arrastamento da outra. No caso de Espanha, obviamente, a associação não é esta, mas antes a naturalíssima entre o português e o galego, como no caso da Universitat de Barcelona.

Atualmente em Barcelona, a designação genérica, após o plano de Bolonha, é aquela que vigora em Portugal há já tempos, a de “Línguas e Literaturas Modernas”, onde se inserem o espanhol e o português entre outras línguas vivas. Ou seja, uma situação em tudo semelhante ao que se passa em Portugal.

Tendo pois como ponto de partida a nossa experiência comum como docentes na Universitat de Barcelona, gostaríamos de propor uma breve reflexão acerca de alguns aspetos problemáticos com

que os estudantes espanhóis (alguns com o catalão como língua materna) se deparam no processo de aprendizagem do português. Julgamos que a nossa contribuição pode ser proveitosa devido ao interesse crescente em Portugal pela língua espanhola, funcionando assim alguns dos temas que aqui serão tratados como contra-imagem reflexa de questões que ao ensino do espanhol se colocarão em Portugal e, mais genericamente, como hipóteses de abordagem de metodologias, estratégias, e até “truques” de bom senso no ensino do português como LE e como L2.

Entre muitos dos aspetos passíveis de análise, esta comunicação centrar-se-á em dois que consideramos fundamentais:

1. A utilidade de uma gramática comparativa (português-espanhol).
2. A utilidade de um estudo coordenado das variantes portuguesa e brasileira: qual a atitude pedagógica, metodológica ou normativa a ter.

Quanto ao primeiro destes dois destaques, podemos, desde já, assinalar um facto por todos nós bem conhecido: existe a ideia generalizada e precipitada de uma grande semelhança entre o espanhol e o português construída, sobretudo, a partir da fácil constatação da partilha de um largo espetro de léxico. De um lado e do outro da fronteira, com mais ou menos boa vontade e inspiração, todos se acham capazes de falar *Portunhol* e, pelo menos quando se leem textos utilitários ou técnicos, a intercompreensão é alta. Mas, ao iniciarem o estudo sistematizado da língua portuguesa, os alunos espanhóis percebem rapidamente que o caminho será longo e complicado. Obviamente o mesmo se poderá dizer para situação paralela deste lado da fronteira. Aquilo que parecia ser uma navegação à vista, em breve mostra os seus escolhos. É o caso da especificação semântica do português que acarreta um assinalável esforço ao falante espanhol. Ao aprendermos inglês, por exemplo, aprendemos um outro universo linguístico. Tudo é desconhecido, (enfim, na verdade grande parte, se abstrairmos do muito léxico comum latino e grego) – tanto a palavra de raiz germânica, como a semântica a ela associada. Diversamente, quando estudamos uma língua próxima, como é o caso do português e do espanhol, deparamo-nos inicialmente com o facto de não precisarmos de aprender muito léxico novo ou, pelo menos, muito diferente do de raiz já conhecida para criarmos as primeiras frases, mas, quando percebemos que as mesmas palavras têm sentidos, usos ou especificações totalmente divergentes em cada uma das línguas, começam os verdadeiros problemas. E um emaranhado deles.

Não estamos a pensar apenas nos famosos falsos amigos, pois, quanto a estes, qualquer pessoa que contacte com estas duas línguas irmãs, até os acha divertidos:

La cena ha sido **exquisita**. / O jantar foi delicioso.

Tiene un comportamiento raro. / Tem um comportamento **esquisito**.

Tiene el pelo **largo**. / Tem o cabelo comprido.

El **largo** trayecto. / O longo percurso.

La calle es ancha y **larga**. / A rua é **larga** e comprida.

Es una película **espantosa**. / É um filme terrível.

Es una película maravillosa. / É um filme **espantoso**.

Ese **niño** es travieso. / Ese menino é traquina.

Un nido de golondrinas. / Um **ninho** de andorinhas.

Referimo-nos sobretudo a diferenças mais complexas como, por exemplo, o facto de uma e única palavra espanhola com dez significados precisar de dez vocábulos diferentes em português para cada um desses dez significados (*achar-creer / pegar-coger*)!:

Um espanhol...	Um português...
<i>cree</i> en Dios,	<i>crê</i> em Deus,
<i>cree</i> todo lo que le dicen,	<i>acredita</i> em tudo o que lhe disserem,
<i>cree</i> que la crisis va para largo,	<i>julga</i> que a crise ainda vai durar,
<i>cree</i> que llegará tarde;	<i>acha</i> que chegará atrasado;
<i>coge</i> un libro,	<i>pega</i> num livro,
<i>coge</i> el autobús,	<i>apanha</i> o autocarro,
<i>coge</i> cerezas del árbol,	<i>colhe</i> cerejas da árvore,
<i>coge</i> al vecino por las solapas y	<i>agarra</i> o vizinho pela lapela
	e
<i>se coge</i> a la rama de una higuera.	<i>segura-se</i> ao ramo de uma figueira.

Ou seja, se há uma grande sobreposição das duas línguas num nível imediato e, diríamos, superficial, sobretudo nos domínios lexical, semântico, mas também morfológico, há, no entanto, nas suas estruturas profundas, diferenças bem notórias e perigosamente travestidas de parecença na sua superfície.

Se a este e outros problemas de natureza gramatical acrescentarmos a hipótese de o aluno ter um professor português e depois um brasileiro (ou ao contrário), então o problema amplifica-se consideravelmente. Imaginem o que é receber “as mesmas explicações”, a mesma norma legível numa gramática que é um clássico de coautoria entre um brasileiro e um português (Celso Cunha e Lindley Cintra) e depois ver práticas tão diferentes relativas a aspetos fundamentais. É o caso extremo da colocação dos pronomes pessoais cuja norma é única para os dois lados do Atlântico, mas realizada pela maioria esmagadora dos falantes de cada um dos países de forma totalmente diferente:

Chamo-me António ~ Me chamo Antônio

1. A utilidade de uma gramática comparativa

Sabemos que existem no mercado gramáticas e tratados gramaticais descritivo-comparativos do português e do espanhol. A comparação das duas línguas é centrada na norma de cada uma delas, enquanto o uso quotidiano e real é comentado apenas esporadicamente. Há pois uma maior preocupação e importância normativa e uma menor projeção comunicativa. É nossa opinião que, para o ensino de línguas estrangeiras, se deveria também escrever tratados que apresentassem dificuldades com grau de frequência relevante partindo da experiência de ensino. Estamos conscientes de que essa experiência difere consoante o país e, nalguns casos, consoante a região/autonomia/cantão onde se ensina o português e ainda conforme a/s língua/s aí em vigor. Para nós, portugueses, esta questão está muito arredada da nossa débil consciência de variação linguística, pelo facto de sermos um país tão profunda e empedernidamente monolíngue. Já em Espanha o bi e plurilinguismo é uma realidade e controversa. Pois, como diria Leporello no *Don Giovanni* “Ma in Ispagna son già mille e tre...”

Queremos pôr em foco apenas quatro aspetos importantes que exemplificam a necessidade de tal gramática comparativa:

- 1.1. fonética;
- 1.2. colocação dos pronomes átonos;
- 1.3. verbos no passado (*comi* ≠ *tenho comido*);
- 1.4. formas de tratamento.

1.1. Fonética

Centrando-nos agora na nossa experiência na Catalunha, rapidamente se pôde constatar que a fonética portuguesa está mais próxima da sua congénere catalã. Portanto, seria de esperar que esses alunos da UB tivessem menos problemas quando falam português do que os que teria um castelhano ou um andaluz. Vejam-se estes exemplos:

português		catalão		espanhol	
porteiro	[p <u>ur</u> 'teiru]	porter	[p <u>ur</u> 'te]	portero	[p <u>or</u> 'tero]
carro	['ka{ <u>u</u> }	carro	['kar <u>u</u>]	carro	['kar <u>o</u>]
casa	['ka <u>z</u> e]	casa	['ka <u>z</u> ə]	casa	['ka <u>s</u> a]
genético	[ʒ)'netik <u>u</u>]	genètic	[ʒə'netik]	genético	[x <u>e</u> 'netik <u>o</u>]
baixar	[bai'f <u>a</u> r]	baixar	[b <u>a</u> 'f <u>a</u>]	bajar	[ba'x <u>a</u> r]
porta	['p <u>o</u> rte]	porta	['p <u>o</u> rte]	puerta	['p <u>w</u> erta]
pedra	['p <u>ɛ</u> ðre]	pedra	['p <u>ɛ</u> ðrə]	pedra	['p <u>i</u> eðra]
fila	['fi'f <u>e</u>]	filla	['fi'f <u>ə</u>]	hija	['i <u>x</u> a]

No entanto, verificámos que, nestes casos, os falantes catalães se baseiam na regra espanhola e não na catalã. Talvez este fenómeno se deva ao facto de conceberem o português como uma língua mais próxima do castelhano *em todos os aspetos*. Paremos um instante para analisar esta

generalização precipitada do “*em todos os aspetos*”. Na verdade, em todos os aspetos é, afinal, apenas o léxico. E imediatamente nos interrogamos sobre o porquê dessa convicção e desse alastrar de semelhança (de falsa semelhança) a partir de uma só face da língua, quando têm ao dispor nos seus *thesaurus* e prática de bilingues uma outra semelhança fonética muito mais próxima do que aquela que estão a usar. Por outras palavras: por que razão saem da estrada principal para fazer um desvio mais complicado que, ademais, os leva ao destino errado?

O que se passa, parece-nos, é que estes estudantes aprendem o português mais pela escrita e leitura do que pela oralidade, como seria natural e desejável. Na verdade, as oportunidades que têm de ouvir falar português são muito poucas (como aliás acontece em todos os países estrangeiros onde o português não é língua oficial). E como a semelhança com o léxico espanhol é alta, rapidamente leem português por aproximação com esta língua escrita e não por via do português oral com o qual contactam esporadicamente, ouvindo-o quase sempre apenas e só nas aulas. Ou seja, na sua aprendizagem do português, oralidade e escrita são quase simultâneas, dominando até, anti-naturalmente, a escrita sobre a oralidade e, portanto, dando prioridade, na fala, ao espanhol sobre o catalão. Mas, ainda aqui há um equívoco mais profundo: é que, na verdade, a similitude entre português e espanhol no que respeita ao léxico é aparente, como já dissemos. De facto, essa paridade é muito mais ortográfica do que lexical como já mostrámos atrás nos exemplos dos falsos amigos e no reiterado lapso de correspondência entre vocábulos e suas acepções e significados nas duas línguas (português/espanhol).

Compreende-se, pois, que apesar dos nossos esforços para dissipar os desacertos acabados de descrever, mesmo na Catalunha, prevaleça, na predisposição dos estudantes ao aprender português, a ideia muito divulgada da semelhança entre espanhol e português que só é válida para o campo lexical e ainda assim com muitas reservas. Veja-se a filiação seguinte:

português	espanhol	catalão	francês
Quero comer	Quiero comer	Vull menjar	Je veux manger
Falo português	Hablo portugués	Jo parlo portuguès	Je parle portugais
Estou em Coimbra	Estoy en Coimbra	Sóc a Coimbra	Je suis à Coïmbre
Buscar o pai	Buscar al padre	Cercar el pare	Chercher le père
Apesar de tudo	A pesar de todo	Malgrat tot	Malgré tout

Como se observa, o catalão está mais próximo no léxico do francês enquanto o espanhol o está do português. Para os alunos, os textos portugueses aparecem associados ao espanhol e mentalmente teriam de proceder a duas operações quase simultâneas: primeiro, dissociar a grafia portuguesa da espanhola e logo a seguir re-aprender a pronunciar essas palavras com a fonética catalã, ironicamente a deles. O que verificámos é que os alunos, falantes de catalão, demoram bastante tempo a interiorizar esta sequência de operações.

Este curioso fenómeno é apenas uma manifestação da falsa proximidade português/espanhol, quando, em muitos casos seria mais lógico e mais económico do ponto de vista linguístico aparentar português e catalão, e parece-nos prender-se com as políticas linguísticas seguidas e frequentemente impostas até épocas recentes. Com efeito, até aos anos oitenta, os falantes de catalão, galego e basco eram alfabetizados exclusivamente em espanhol, embora falassem quotidianamente as suas línguas em domínios privados. E, como sabemos, a abstração linguística

necessária para aprender outro idioma costuma dar-se a partir da língua de alfabetização. Pelo que não admira que, para além da falsa similitude ortográfica português/espanhol, os alunos tendam a **recuperar** mentalmente a língua de alfabetização ao aprender uma nova, ainda para mais parecida.

No caso da Catalunha, os estudantes de português que já acederam ao ensino em catalão, depois dos anos 80, apresentam uma tipologia diferente. No entanto, apesar de foneticamente poderem aproximar mais facilmente o catalão do português, as interferências lexicais permanecem por via do espanhol, com os erros inerentes.

1.2. A colocação dos pronomes átonos

Outro item conflituoso que tem a ver com a própria “discórdia” portuguesa é a colocação dos pronomes. Claro que, com exceção dos galegos, os alunos têm de aprender uma estrutura nova diferente daquela da sua língua, como acontece em qualquer LE. Mas há ainda uma questão que antecede esta: trata-se da origem europeia ou sul-americana do professor, que, fora de Portugal, tanto pode ser português como brasileiro. O docente ensina as mesmas regras sintáticas, embora haja grande divergência entre norma e realização em Portugal e no Brasil. Isto é, em Portugal, quer a oralidade quer a escrita estão mais próximas da norma do que no Brasil, onde, como sabemos, é raríssimo ouvirmos ou lermos frases como “Eu vejo-o”; “Ela diz-mo” e por aí adiante... Esta costuma ser uma etapa confusa para os alunos não nativos. Daí a necessidade de darmos uma coerência ao ensino deste aspeto gramatical.

De facto, a aprendizagem das formas enclíticas (o/lo/no-lhe-se-nos-vos) não provoca normalmente grandes problemas. É a colocação dessas formas na frase que o aluno deve interiorizar. Quando já conseguiu aprendê-las com frases afirmativas simples, a tendência posterior é empregar por analogia o mesmo procedimento em qualquer oração. A nossa experiência diz-nos que é a partir desse momento que o professor deve lutar contra a hipercorreção.

Frases como as seguintes servem-nos de exemplo:

Chamo-me Luís; vai-te embora; disse-me uma coisa, etc.

Ao transformar estas frases na forma negativa o pronome muda de lugar e aparece o primeiro conflito, que neste caso se resolve com facilidade:

*Não chamo-me Luís > Não me chamo Luís, etc.

Quanto à colocação de enclíticos com verbos simples, numa oração subordinada a questão não é tão fácil. Se esta for afirmativa, no aluno evidencia-se a tendência geral, ou seja, a primeira regra que aprende - pospor o pronome ao verbo. No entanto, no caso da subordinação, o processo torna-se complexo e o pronome fica posposto à conjunção e anteposto ao verbo. Há alunos que depois de vários anos de aprendizagem do português e com um nível linguístico muito bom, ainda se enganam. Não é de estranhar, visto no Brasil frases como esta serem comuns (e nos últimos tempos, em Portugal):

“... é nesse plano que insere-se a questão da necessidade de uma regulação social...”

Como poderemos resolver esta dificuldade? Os métodos tradicionais não ajudam, pois limitam-se a fornecer-nos regras infundáveis, difíceis de memorizar e, sobretudo, não funcionais. Em Barcelona, nós usamos uma metáfora: os pronomes átonos são chamados assim, porque carecem de tonicidade

própria, são *satélites* que precisam de se ligar a um *planeta*, sendo este, em cada frase, a palavra mais importante, a que introduz a informação primordial (do ponto de vista da história da língua a lei é clara: a palavra essencial enfatiza a informação e unem-se a ela as outras, dependentes):

Orações simples

Chama- ◀se António

Chamas- ◀te Amália?

Levanta- ◀se às dez

Deixa- ◀me só!

Não ◀se chama João

Como ◀te chamas?

Todos os dias ◀se levanta às dez

Não ◀me deixes só!

Orações compostas

Ela disse **que** ◀se ia embora

Fomos para casa **porque** ◀nos
aborrecíamos

Se ◀me ligasse, eu atendia

Perguntou **quando** ◀se ia embora

Embora ◀lhe explicasse, não perceberia

Come tão pouco **que** ◀se cansa facilmente

1.3. Os verbos no passado (*comi* ≠ *tenho comido*)

No que diz respeito à conjugação verbal, de entre os vários usos dos tempos verbais nas duas línguas, queremos apenas destacar as duas formas do pretérito perfeito e a sua equivalência em espanhol.

O português forma estes tempos com o auxiliar TER (deixando HAVER para um uso escrito e/ou culto) e o espanhol com HABER. Mas há uma diferença substancial nos seus empregos. Enquanto a língua espanhola diferencia o *pretérito indefinido* e o *pretérito perfecto* segundo o princípio de aproximação ou afastamento do passado em relação ao falante, o português efetua uma distinção entre o pretérito perfeito simples e o composto segundo uma significação aspetual reiterativa.

espanhol	português
Ayer hice sopa de pescado	Ontem fiz sopa de peixe
Esta mañana he hecho sopa de pescado	Hoje de manhã fiz sopa de peixe
Últimamente he hecho sopa de pescado Llevo hecha sopa de pescado	
Ya he hecho sopa de pescado	Tenho feito sopa de peixe

Estes são tempos de uso problemático para os nossos alunos espanhóis, que traduzem um *pretérito perfecto* pelo homónimo composto português. Por exemplo:

Esta mañana he ido al mercado > *Esta manhã tenho ido ao mercado.

Esta manhã fui ao mercado.

A partir de exemplos deste teor, vamos explicando de forma contrastiva o funcionamento diverso das duas línguas perante uma forma verbal que apresenta a mesma estrutura morfológica mas que tem uma semântica muito diferente.

1.4. As formas de tratamento

Quando os alunos começam a falar português, deparam-se com três formas diferentes para se dirigirem a um interlocutor: *tu*, *ocê* e *o senhor*. Quer o espanhol, quer o catalão só possuem duas formas de tratamento *tú/usted* e *tu/vostè*.

	SUJEITO INFORMAL	SUJEITO INTERMÉDIO	SUJEITO FORMAL
2ª pessoa	TU	VOCÊ (verbo na terceira pessoa do singular)	O SENHOR / A SENHORA
2ª pessoa	[VÓS] / VOCÊS (verbo na terceira pessoa do plural)	VOCÊS (verbo na terceira pessoa do plural)	OS SENHORES/ AS SENHORAS

Explicar quando se usa *tu* e *o senhor* é fácil, mas *ocê* já é mais complicado. E vejam ainda a dificuldade aumentada quando o *ocê* é dito por um português ou por um brasileiro.

É sempre difícil encontrar uma correspondência em espanhol e catalão. Só o contexto permite aproximarmo-nos de uma boa tradução: que pode ir do *tú*, *usted*, *compadre* (dialetal, como para nós no falar alentejano) a um muito raro *vuestra merced*.

A conclusão que se tira destas breves reflexões, que nos levaram a afirmar a necessidade de uma gramática comparativa entre o português e o espanhol, é que, sendo duas línguas tão próximas, surge o paradoxo de vermos que a complexidade de as aprender radica precisamente nessa aparente proximidade. No respeitante ao léxico, por exemplo, os alunos estão constantemente a fazer um exercício mental de ampliação ou estreitamento de sentido/acepções ou mesmo de vocabulário, por vezes, a partir de formas escritas iguais ou muito erroneamente parecidas na língua em aprendizagem e na já conhecida. Um verdadeiro *brainstorm* linguístico-comparativo...

2. a utilidade de um estudo coordenado das variantes portuguesa e brasileira

No caso da *Facultat de Filologia da Universitat de Barcelona*, os alunos de português têm professores de três nacionalidades (brasileira, portuguesa e espanhola) lecionando em duas variantes possíveis: a europeia e a americana. Este facto, acarreta, obviamente, complicadas questões de aprendizagem. Na realidade, verifica-se que os alunos, quando aprendem a língua portuguesa no seu nível mais básico, com um professor de uma variante e tendo os níveis seguintes com um docente de uma outra, acabam por não dominar nenhuma e misturam as duas, sem de tal terem consciência.

A mesma complexidade de escolha e gestão das variantes a lecionar pode vir a colocar-se, se não acontece já pontualmente, em Portugal, com professores de espanhol europeu ou americano.

A questão que nós colocamos é a seguinte: que atitude tomar, enquanto docentes de variante europeia, quando, por exemplo, nos apercebemos de que um estudante aprende muito mais facilmente, devido ao decalque da sua L1, a estrutura “estar + gerúndio”, (“estou fazendo”) típica do português padrão do Brasil (e regional em Portugal)? Considerar o uso desta estrutura um erro está fora de questão, mesmo sabendo que se trata, muitas vezes, de um caso de transferência (em espanhol é “estoy haciendo”). Os estudantes não utilizam a referida expressão por optarem por uma variante específica, mas sim por um decalque, na maioria das vezes inconsciente.

Como consequência das questões aqui afloradas, foram-se desenhando três opções:

- a primeira: informar repetidamente acerca das duas possibilidades oferecidas por cada um dos padrões das duas variantes, aceitando ambas;

- a segunda: criar um programa que ofereça, num dos níveis, se possível num dos mais avançados, um estudo comparativo acerca das diferenças existentes entre as duas variantes;

- a terceira possibilidade e a escolhida pela área de português da *Facultat de Filologia* da UB: criar uma disciplina específica, no último ano do curso de “Línguas e Literaturas Modernas”, na qual se aprofundasse, num estudo comparativo do padrão das duas variantes e num estudo interno do português usado em cada país, ou seja, de algum modo, contrapor a norma de ambos os países às respetivas variações dialetais. Vejam-se estes casos que exemplificam o conteúdo e estruturação dessa cadeira:

-referido à fonética,

Principais diferenças no vocalismo e consonantismo entre Portugal e Brasil

PORTUGAL / Vocalismo tónico oral / BRASIL

[ɔ] > o, ó	[o] > o, ô
-ante [m] e [n]	-ante [m] e [n]
António [ã'tɔniw]	Antônio [ã'toniw]

-referidos à morfologia,

Os Interrogativos

Portugal

Brasil

Cadê? (= que é de...?)

A palavra *cadê* tornou-se, na linguagem popular do Brasil, num equivalente de **onde** interrogativo, p.e.

Cadê meu lenço? = *Onde está o meu lenço?*

O Advérbio

Portugal

Mais comuns *cá, lá*

Em baixo

Mesmo com o sentido de *absolutamente* é mais comum em Portugal do que no Brasil.

Brasil

Mais comuns *aqui, ali*

Embaixo

Uso especial de *não*: *Veio não, sei não*.

3. Conclusões

Concluimos resumindo o anteriormente exposto: o ensino de português a espanhóis apresenta aspetos específicos que derivam da proximidade e da aparente transparência entre as duas línguas.

No caso da UB, esses aspetos adquirem uma nova dimensão, visto que se trata de ensinar duas variantes do português a alunos que têm como língua materna o espanhol ou o catalão e, nalguns casos, o galego. Outro fator particulariza ainda mais esta aprendizagem: a maioria destes alunos são bilingues em espanhol/catalão, alguns em espanhol/galego e outros, ainda, trilingues em espanhol/catalão/galego.

Por tudo o que foi exposto, é evidente que o facto de os alunos terem professores das duas variantes, sem que estas sejam comparadas, acaba por gerar mistura, o que, consoante o uso que os discentes façam do português no futuro, lhes pode causar não poucos problemas profissionais, seja em matéria de docência, tradução, interpretação.

Do ponto de vista teórico, a solução da UB parece-nos adequada, sobretudo se tivermos em mente que há apenas três níveis de língua. Usar um deles para comparar o padrão de Portugal com o do Brasil significaria condensar ainda mais aquilo que já é difícil de ensinar em apenas três quadrimestres.

Concluimos pois que esta atitude de aceitação geral das duas variantes, apesar de implicar um assinalável trabalho suplementar quer para docentes quer para alunos, reverte a favor dos sabores diferentes que a língua portuguesa pode adquirir pelo mundo fora.